

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Missão digital da Igreja: alcances e limites da pastoral virtual na eclesiologia batista.

DIGITAL MISSION OF THE CHURCH: Reaches and limits of virtual pastoral care in Baptist ecclesiology.

Kemuel Andrade ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Estudante de PPGT

Como Citar: ANDRADE, K. Título do Artigo MISSÃO DIGITAL DA IGREJA: Alcances e limites da pastoral virtual na eclesiologia batista. *Caderno Teológico*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 08, n. 02, p.63-74, jul./dez, 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.08.02.p63-74>

Resumo

O objeto desta pesquisa contextualiza-se na investigação da missão digital da Igreja Batista de Curitiba frente ao novo cenário eclesial que se apresenta com as tecnologias digitais de informação e comunicação; refletindo sobre a possibilidade da pastoral virtual como uma missão da Igreja. Esta pesquisa justifica-se pela relevância e pertinência do objeto que situa a Igreja Batista no contexto da cultura digital de nosso tempo. A problemática da pesquisa está na complexidade de analisar os alcances e limites das tecnologias digitais de informação e comunicação para a pastoral virtual, a concepção da Igreja Batista e da sua missão. Para tanto são contemplados os seguintes objetivos: apontar caminhos para compreender a inserção dos meios digitais na vida da Igreja; relacionar a identidade eclesial batista e a missão digital; fundamentar teologicamente o acompanhamento pastoral através de redes sociais que facilitem a cultura do diálogo, e do encontro e a participação ativa das pessoas na sociedade em rede. A metodologia é a análise qualitativa de bibliografia. Como resultado, almeja-se contribuir para compreender a fé e a missão da igreja batista nos/por meios digitais, traçando caminhos para a reconfiguração da eclesiologia batista na relação com a cultura digital atual.

Palavras-chave: Missão Digital. Tecnologias. Eclesiologia. Igreja Batista.

[a] pastorkemuel@gmail.com

Abstract

The object of this research is contextualized in the investigation of the digital mission of the Baptist Church of Curitiba in the face of the new ecclesiastical scenario that presents itself with digital information and communication technologies, reflecting on the possibility of virtual pastoral care as a mission of the Church. This research is justified by the relevance and pertinence of the object that situates the Baptist Church in the context of the digital culture of our time. The research problem lies in the complexity of analyzing the reaches and limits of digital information and communication technologies for virtual pastoral care, the conception of the Baptist Church and its mission. To this end, the following objectives are addressed: pointing out ways to understand the insertion of digital media in the life of the Church; relate the Baptist ecclesiastical identity and the digital mission; to theologically base pastoral support through social networks that facilitate a culture of dialogue, encounter and active participation of people in networked society. The methodology is qualitative bibliographic analysis. As a result, the aim is to contribute to understanding the faith and mission of the Baptist church in/through digital media, tracing paths for the reconfiguration of Baptist ecclesiology in relation to current digital culture.

Keywords: Digital Mission. Technologies. Ecclesiology. Baptist Church

INTRODUÇÃO

Frente a uma sociedade que apresenta um novo paradigma, uma nova economia, uma nova cultura, uma nova identidade e uma nova organização, exige também uma nova compreensão da missão da Igreja (Silva, 2021, p. 13). Assim, busca-se uma “Igreja que saiba transmitir as verdades antigas (o Evangelho) com uma linguagem nova, com a nova ‘gramática digital’, a fim de ser compreendida e aceita por todos” (Zanon, 2019, p. 72).

Daí emergem questões como: qual direção tomar para o entendimento da inserção dos meios digitais na vida da Igreja? Como relacionar a identidade eclesial batista com a missão digital? Em que consistem, de fato, os desafios para uma pastoral virtual? Nesta pesquisa a sua problemática está na complexidade de analisar os alcances e limites das tecnologias digitais de informação e comunicação para a pastoral virtual, a concepção da Igreja Batista e da sua missão. Esse desafio precisa ser teologicamente analisado, expressando a compreensão da fé cristã, da Igreja e sua missão no mundo digital.

Esta pesquisa contextualiza-se na investigação da missão digital da Igreja Batista de Curitiba frente ao novo cenário eclesial que se apresenta com as tecnologias digitais de informação e comunicação. Isto leva à reflexão sobre a possibilidade da pastoral virtual como uma missão da Igreja voltada para pessoas que, professando fé em Cristo Jesus, permanecem online.

Sem pretensão de esgotar o tema, esta pesquisa discute a inclusão da perspectiva missional da Igreja em meio à cultura digital que influencia o presente e o futuro da eclesiologia batista, a fim de iniciar a construção para uma pastoral virtual coerente com a fé cristã.

O Mundo da internet e suas implicações na sociedade e na Igreja.

Para a construção de tais apontamentos, iniciamos com a observação do pensamento de Antônio Spadaro em seu livro “Cybertheology Thinking Christianity in the Era of the internet”, que clarifica essa inserção pelo

desdobramento que o ser humano em primeira instância se insere aos meios digitais e, desta maneira, concomitantemente, acaba por inserir todas as demais áreas de sua vida nos meios digitais.

Spadaro (2014) enaltece que a tecnologia sempre parece trazer consigo uma aura que provoca espanto e inquietação, como: quais são os motivos que estão por trás e geram esses sentimentos? Será porque a tecnologia parece ser capaz de realizar algo que responda aos nossos desejos antigos e medos profundos? E, é por isso que as inovações tecnológicas nos toca, nos intimida e nos faz pensar.

A internet é um aspecto real e necessário do dia a dia de muitas pessoas. Podemos não mais simplesmente ignorar a internet e voltar a um tempo “inocente”, pois o funcionamento do nosso mundo “primário”, dos meios de comunicação de todo tipo, se baseia na existência desse chamado mundo virtual que nos rodeia (Spadaro, 2014, p. 1-3).

Certa feita, a internet hoje é um local que frequentamos para manter contato com amigos que vivem longe, para ler notícias, para comprar um livro, para marcar férias ou para partilhar interesses e ideias. “É um espaço para os humanos, um espaço que é habitado por seres humanos. Já não tem um contexto anônimo e asséptico, mas tem um âmbito antropológicamente qualificado” (Spadaro, 2014, p. 2).

A Igreja está naturalmente presente onde o ser humano desenvolve a sua capacidade de conhecimento e de relacionamento; anunciar uma mensagem e relações de comunhão sempre foram dois dos pilares fundadores do ser Igreja. Spadaro (2014) salienta que a tarefa, portanto, não tem de ser como utilizar bem os meios digitais, como muitas vezes se pensa, mas como viver bem na era da internet. Neste sentido “a Web não é um novo meio de evangelização, mas é, sobretudo, um contexto no qual a fé é chamada a exprimir-se não pela mera disponibilidade de estar presente, mas pela compatibilidade do cristianismo com a vida dos seres humanos” (Spadaro, 2014, p. 8).

Em Aline Amaro da Silva (2019) encontra-se um contraponto a Spadaro (2014), que consiste na observação que no início, a internet era entendida como um novo meio de comunicação de massa, porém, este conceito não é suficiente. O ciberespaço é o espaço de comunicação e relacionamento humano aberto pela interconexão global de dispositivos digitais. Porém, quando falamos em rede, não nos referimos à rede mundial de computadores, mas, sim, à rede mundial de pessoas. Contudo, salienta que Antônio Spadaro explica essa diferença utilizando o significado distinto das palavras casa e lar. Casa significa a estrutura física que sustenta e possibilita a vivência do lar, do ambiente de relacionamento familiar. Se reduzirmos a internet apenas aos eletrodomésticos, é como se disséssemos que o lar não é a família, mas sim as paredes da casa. Assim, a internet é a experiência que as novas tecnologias tornaram possível. Portanto, a internet não pode se restringir a um meio ou instrumento a ser utilizado, mas deve ser reconhecida como um ambiente de convivência humana a ser habitado.

Para Aline Amaro da Silva (2019) faz necessário atentar para o que a autora denomina como “*metanóia* digital”, que é a virada antropológica em nosso paradigma comunicacional, ou seja, o processo de tomada de consciência das transformações que ocorrem ao nosso redor, no ambiente, na comunicação, na cultura e até no ser humano.

Compreender a rede e como ela modifica nossa vida em aspectos fundamentais, constitui o primeiro passo para a realização de uma metanoia digital. A metanoia digital define-se não apenas por uma postura de abertura e visão positiva da tecnologia e da cultura digital, mas pela formação de um sentido crítico sobre esta realidade, percebendo as suas potencialidades, riscos, limites e desafios (Silva, 2019, p. 12). Para isso, as pessoas devem entender a rede não como uma ferramenta, mas como um ambiente de relacionamentos e como isso muda a relação da Igreja com seus membros, por exemplo.

As religiões e religiosidades estão presentes desde o início da internet, tanto influenciando sua concepção quanto na ocupação deste espaço contemporâneo de convivência humana. Por ser um lugar antropológico, ético,

social, não neutro, mas caracterizado por nossas ações, na rede se encontram e se entrecruzam o sagrado e o profano, graça e pecado, benevolências e crueldades (Silva, 2015, p. 29-30)

Desta forma questões como a comunicação, o intercâmbio simbólico cultural, a configuração do sistema de crenças que orienta o cotidiano das pessoas, a vivência da fé, incluindo novas formas de dar sentido à vida por meio da direção espiritual virtual são aspectos essenciais (Camelo, 2021) os quais fazem parte da reflexão que surge na relação entre a Igreja e o mundo digital.

Na direção de compreender essa inserção nos meios digitais na vida da Igreja fica perceptível alguns pressupostos de base para o desenvolvimento desta proposta. Como Edgar Camelo explica, em três preâmbulos:

(1) a vida das pessoas, nas sociedades desenvolvidas ou em desenvolvimento, desenrola-se predominantemente em relação à tecnologia. Os nativos digitais configuram um espaço específico de reflexão teológica, ao estabelecerem, na sua relação com o mundo digital, a interação entre o conjunto de crenças que configuram o pensamento cotidiano não especializado sobre a vida a partir da Internet e as verdades que são herdadas da Tradição enriquece a compreensão do ser humano na sociedade em rede; (2) a cultura da virtualidade real define os mecanismos que constroem a sociedade em rede caracterizada por serem “espaços de fluxos” em contínua mobilidade e transformação; e, (3) a fé é um elemento central que compreende o ser humano em relação direta com a experiência religiosa. Hoje a fé exprime-se (embora não só) através das tecnologias de informação e comunicação (Camelo, 2021, p. 9).

Por outras palavras, as tecnologias são capazes de criar múltiplos ambientes simbólicos representativos para a vida da Igreja. Construir uma teologia eclesial em relação direta com as tecnologias de informação e comunicação é uma tarefa preponderante, sobretudo, porque a vida do ser humano hoje se desenvolve predominantemente na internet. Ou seja, o cenário virtual de interação social tornou-se o espaço onde “a fé pode ser compartilhada, aprender sobre diferentes cosmovisões religiosas, ancoradas em um contexto cultural específico, e proporcionar experiências significativas que promovam o ser humano à transcendência” (Camelo, 2021, p.10).

O caminho da compreensão para uma Igreja que jaz inserida aos meios digitais consiste no aceite desta realidade. Giraldi (2021, p. 15) coloca que “o espaço virtual, com características próprias e ainda em processo de identificação, torna-se um ambiente de intercâmbio cultural e hibridização da fé”. Mas como a Igreja usou, usa e usará esse meio? De acordo com Giraldi (2021) compreender o sistema e o funcionamento do processo de comunicação através da internet é um fator que deve ser essencial para que a Igreja esteja presente no ciberespaço, com uma política própria de gestão da informação e da comunicação.

Analizando Conceitos

No adentrar desta pesquisa o diagnóstico de conceitos pontuais como: Mundo digital/virtual, Igreja e mundo digital/virtual, e, missão/pastoral digital/virtual, torna-se indispensável na construção da compreensão da problemática estabelecida. Vejamos.

Mundo digital/virtual

Em Souza (2022, p. 44-85) observa-se que o mundo digital/virtual é um ambiente imersivo simulado por meio de recursos computacionais, destinado a ser habitado e permitir que seus usuários interajam por meio de avatares. Eles possuem o conceito de persistência, ou seja, o estado de seus objetos é preservado independente da presença

do usuário. As redes sociais são os meios que garantem a comunicação virtual, são os programas instalados no computador ou acessíveis na internet que, através dos navegadores, permitem o seu funcionamento. Uma comunidade virtual é uma comunidade que estabelece relacionamentos através de meios de comunicação à distância. Caracteriza-se pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações em ambiente virtual. A verdade indiscutível é que a internet proporciona inúmeras formas de comunicação entre seres humanos em todo o mundo. Atualmente, com a popularização e democratização do acesso às redes sociais, toda a sociedade, nos diversos países, está organizada através da internet. A internet permite que você se comunique com outras pessoas em menos tempo. Seja perto ou longe, a comunicação pela internet é muito mais rápida e fácil, e é utilizada em todo o mundo.

Igreja e mundo digital/virtual

A conceituação proposicional deste tópico, traz à tona sentido da palavra igreja em seu contexto original, pois, o termo “igreja” vem do grego (*ekklesia*), com o significado etimológico de “os chamados para fora” (*ek* – fora, *kaleo*, chamar). A palavra era usada nos dias de Jesus tanto em sentido cristão quanto não cristão. No mundo grego, *ekklesia* era empregada para designar uma assembleia local de pessoas convocadas para tratar de questões sociais, religiosas ou cívicas, relativas à comunidade. Israel também tinha a sua assembleia, normalmente designada pela palavra hebraica *qahal*, que, na LXX – versão do hebraico para o grego do Antigo Testamento – frequentemente foi traduzida para *ekklesia* (Severa, 2014, p. 272). Mais do que nunca, este sentido de igreja ser “os chamados para fora”, se expressa com tanta exatidão, pelo processo de sair para fora no sentido do presencial para o digital/virtual; em seu modelo de estrutura física migrar para o mundo digital/virtual (conforme apresentado no tópico 2.1).

Missão/pastoral digital/virtual

A presença e atuação da missão/pastoral no espaço digital/virtual é a construção, migração, evolução ou criação de abordagens que se baseiam exclusivamente no ambiente virtual sem que haja conexão com um ponto físico, real e de promoção intencional de relacionamento entre pessoas, principalmente entre pastor-membro do ponto de vista de cuidado, acompanhamento e discipulado nos moldes ensinados por Jesus. Para Reis (2021) o ministério da igreja não pode ser construído fora de uma compreensão missional de Deus e do que Ele está fazendo no mundo. Esta visão certamente incluirá inovações. As atualizações criam, adotam ou integram inovações e/ou tecnologias mais recentes que podem melhorar a sua formação missionária como povo de Deus. Isto pode significar utilizar plataformas digitais para disciplina e missão, adaptar ou experimentar diferentes métodos ou modelos de plantio em alojamentos ou pequenos grupos, integrando técnicas inovadoras.

Descartados analiticamente os conceitos investigados aqui, ponderar-se-á de maneira geral alcances e limites da inserção da igreja batista no mundo digital/virtual. Atentemos:

Alcances

A inserção da Igreja não apenas delimita e/ou cria possibilidades de comunhão, mas também altera a dinâmica das comunidades, desafiando os modelos institucionais e tradicionais da Igreja. De acordo com o pensamento de Kurlberg (2023) uma das qualidades que caracterizam as comunidades on-line é a ausência de laços geográficos. Este aspecto tem favorecido para uma tendência de criação de estruturas eclesiais interligadas. A fenomenologia da globalização e a aceleração da urbanização, são, em parte, as responsáveis por este novo

momento, mas certamente foi mitigada pelo advento da Internet. No passado, a comunhão cristã estava restrita principalmente à Igreja local presencial. Kurlberg (2023) explicita que hodiernamente nas sociedades interconectadas, os membros das comunidades cristãs podem fazer parte de vários grupos que oferecem alimento espiritual, contato com Igrejas locais previamente frequentadas, grupos ecumênicos, grupos/células domiciliares, organizações paraeclesiásticas, conferências cristãs, grupos de oração no WhatsApp, de estudos bíblicos e de discussão, as redes sociais como fóruns de discussões e serviços online transmitidos de todo o mundo.

Limites

A linde, neste sentido, segundo Kluck (2011, p. 238) consiste quando o foco relacional de Igreja está somente no online, desta forma, a relação Igreja-membro/membro-Igreja tende a tornar-se simplesmente consumista. Assim, permitindo que as pessoas que formam a comunidade de fé se envolvam com base em gostos e preferências, e com níveis limitados de compromisso e responsabilidade. O problema é que isto enriquece uma espiritualidade egoísta, na qual grupos e comunidades são utilizados para satisfazer necessidades espirituais individuais (Kluck, 2011, p. 246). Tal atitude consumista, apontada por Kluck (2011, p. 237-254) parece muito distante da visão de discipulado que Jesus defendeu, que se centra nos outros no amor a Deus e ao próximo. Vale lembrar também o aspecto de que a exclusão digital faz com que muitos ainda permaneçam desconectados da “igreja virtual universal”.

Tendo apresentado de maneira geral os apontamentos para a inserção dos meios digitais na vida da Igreja, a seguir verificaremos a missão digital de maneira específica junta à identidade eclesial batista.

A Identidade eclesial batista e a missão digital

Tratar da identidade eclesial batista não é tarefa fácil. Além das dezenas de denominações batistas existentes hoje, um dos princípios de ser batista é a autonomia de cada igreja local. Ou seja, no quesito de pilares basilares da fé cristã, todos professam alguns ideais que os unificam,¹ mas quando se trata de questões menores ou para além de seu eixo constitutivo, cada comunidade, ou o próprio indivíduo, pode seguir o seu próprio pensamento, desde que pautado nas Sagradas Escrituras. Assim, os batistas não podem ser reconhecidos apenas por seus aspectos doutrinários porque existem características comuns aos Batistas que extrapolam as questões doutrinárias (Leite, 2015, p. 9).

A identidade da eclesial Batista começa a ser construída a partir de sua origem no contexto da Inglaterra do século XVII, a partir dos separatistas ingleses (Leite, 2015, p. 13). A diversidade de grupos que se autodenominam batistas deixa claro que a identidade eclesiástica se formou desde o início em um ambiente de diversidade doutrinária, sendo influenciada por diversas correntes teológicas. Deste modo, sinteticamente identifica-se aspectos históricos importantes do começo da denominação Batista, que moldam a essência de ser uma Igreja Batista na contemporaneidade.

Retomada a origem Batista, não há consenso, mas hipóteses divergentes, e pelo menos três teorias amplamente citadas em trabalhos e pesquisas sobre a história batista (Pereira, 1972, p. 7). A primeira é conhecida como JJJ: Jerusalém, Jordão, João. Segundo as ideias dessa corrente de pensamento, os batistas vêm se desenvolvendo em linha ininterrupta desde os tempos de João Batista, o precursor do Messias. A segunda diz respeito ao parentesco espiritual com os anabatistas do século XVI. A terceira teoria defende que os batistas se originaram a

¹ Em poucas palavras, pode-se dizer que os princípios batistas se dão por: batismo a partir do reconhecimento de seus pecados, a separação entre igreja e estado, a Bíblia como regra de fé e prática (Walker, 1967, p. 40-42).

partir dos separatistas ingleses. Segundo alguns historiadores, essa é a linha que fornece mais confiabilidade histórica no que diz respeito a fatos documentados e continuidade histórica (Hewitt, 1993, p. 10). O presente trabalho adotará a hipótese de que a origem batista é atribuída ao movimento separatista inglês, sem descartar a influência anabatista sobre os primeiros batistas, uma vez que é impossível duvidar dessa influência sobre os primeiros grupos batistas.

O contexto da reforma inglesa é um ambiente importante para compreender as heranças batistas. Nasce, a partir deste contexto, o puritanismo, um movimento muito importante dentro da ambiência da reforma inglesa. Os puritanos surgiram “tentando reformar a própria Reforma na Inglaterra, purgando a Igreja dos resquícios do romanismo” (Oliveira, 1997, p.28). Entre as reformas pretendidas por eles, destacavam-se: “simplificação do culto, abolição do episcopado, adoção do sistema presbiteriano de governo da Igreja, congregacionalismo e disciplina rigorosa” (Mendonça, 1997, p. 59). Nas questões reformistas eclesiológicas, havia divergências, “mesmo que a maioria dos puritanos preferisse o sistema presbiteriano de governo, havia entre eles também os congregacionalistas” (Gonzales, 2009, p.271). A exemplo, os congregacionais trilhavam um caminho mais democrático, “pretendiam que cada congregação fosse livre da igreja oficial para escolher seu pastor, determinar sua conduta e administrar seus negócios” (Azevedo, 1996, p. 76). A partir desta perspectiva, sob a liderança de John Smyth e Thomas Helwys, dados seus esforços e desdobramentos em pastorearem e consolidarem a comunidade de fé nesta doutrina, se conjectura o início dos Batistas.

Então, o que define uma Igreja como Batista? Essa não é uma pergunta fácil de ser respondida, sobretudo se a perspectiva for doutrinária. Por exemplo, no Brasil, há uma variedade de batistas que se agregam em várias convenções diferentes, algumas delas com influência pentecostal, outras, mais fundamentalistas, porém, sem abrir mão da identidade que se denomina a partir dos “Princípios Batistas” (Leite, 2015, p.17). Assim, no meio batista, isso pode variar de igreja para igreja, de púlpito para púlpito, de pastor para pastor.

Esta apresentação histórica ajuda a compreender algumas questões sobre o contexto batista, assim como o porquê da dificuldade e da complexidade de classificar os batistas apenas por características doutrinárias. As primeiras congregações batistas foram influenciadas teologicamente por algumas correntes diferentes, sendo elas: o anabatismo, o arminianismo e o calvinismo (Leite, 2015, p. 18). Todas essas vertentes ajudaram a formular o pensamento teológico batista. Os batistas também são conhecidos por defenderem princípios em vez de doutrinas. Porém

Embora possuam ênfases e características muito diversas, são, ao mesmo tempo, todos batistas, unidos pela prática do congregacionalismo como forma de governo da Igreja e pelo Batismo de adultos sob profissão de fé como forma de entrada na Igreja (AZEVEDO, 1996, p. 79).

A partir deste contexto de início apresentado, os batistas começam a se espalhar pelo mundo; chegam e se estabelecem nos Estados Unidos da América, país onde se tem a maior expressão batista. A chegada no Brasil, adentra o cenário em que a segunda metade do séc. XIX viu o começo de vários empreendimentos missionários, principalmente vindos do protestantismo norte-americano. Os batistas chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, acentua-se que, esta empreitada missionária americana em direção ao Brasil, é traço do protestantismo via imigração. No site oficial da Convenção Batista Brasileira, o relato a respeito do início batista no Brasil diz:

Marco Inicial Batista no Brasil: a primeira Igreja Batista do Brasil era a Igreja Batista de Santa Bárbara, fundada em 11 de setembro de 1871, com cerca de trinta membros, integrantes da Colônia de Santa Bárbara. O pioneiro missionário William Buck Bagby em duas ocasiões escreveu em O Jornal Batista (21.06.1916): “Foi no Estado de S. Paulo que se organizou a Primeira Igreja Baptista da América do Sul. Foi no anno de 1870 que esta igreja foi organizada na Colônia Norte-Americana de Santa Bárbara, e os

baptistas dessa Colônia e igreja enviaram um pedido e apelo aos baptistas no sul dos Estados Unidos, para que enviassem missionários baptistas para evangelizar no Brasil. Foi a este Estado que vieram o escriptor e sua esposa, para iniciar o trabalho baptista entre os brasileiros, em 1881. Foi em Santa Bárbara também que se baptizou o primeiro baptista brasileiro, o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque. Este irmão foi conosco á Bahia em 1881 para principiarmos o trabalho baptista naquella cidade” (Convenção Batista Brasileira, 2017)

Passados vinte e cinco anos de trabalho batista, com auxílio de missionários, e por um número crescente de brasileiros, evangelistas e pastores, já tinham organizado 83 Igrejas, com aproximadamente 4.200 membros, então, começou a idealização para organização da Convenção Batista Brasileira – vale enaltecer que esta pesquisa é construída pelas perspectivas batista desta convenção – assim

...em 1907, a ideia foi concretizada. A. B. Deter, Zacharias Taylor e Salomão Ginsburg concordaram em dar prosseguimento ao plano. Eles conseguiram a adesão de outros missionários e de líderes brasileiros, inclusive Francisco Fulgêncio Soren, que tinha, inicialmente, algumas reservas. A comissão organizadora optou pela data de 22 de junho de 1907 para organizar a Convenção, na cidade de Salvador, quando transcorreriam os primeiros 25 anos do início do trabalho Batista brasileiro, também iniciado na referida cidade. No dia aprazado, no prédio do ALJUBE, onde funcionava a PIB de Salvador, em sessão solene, foi realizada a primeira Assembleia da Convenção Batista Brasileira, composta de 43 mensageiros enviados por Igrejas e organizações. (Convenção Batista Brasileira, 2017)

Este escopo histórico tem por objetivo evidenciar aspectos centrais na identidade eclesial batista, que aqui aponta-se: a) os batistas se firmaram no congregacionalismo democrático, com igrejas autônomas; b) a diversidade desde o início é perceptível no movimento denominacional batista; c) missões é essencialmente identitária aos batistas.

Alcances

A partir dessa identidade eclesial batista essencialmente congregacional, diversa e missional pode se perceber a missão digital para a Igreja Batista. Além disso, esta identidade eclesial permite que cada congregação determine a melhor maneira de alcançar e ministrar à comunidade em que está localizada, aumentando a flexibilidade e criatividade. Também há o fator que a denominação não é responsável pelas ações de uma congregação local, e a congregação não é responsável pelas ações de qualquer outra Igreja ou organização da denominação Batista.

Limites

Através do princípio identitário batista que é a Igreja ser congregacional, assim, conferindo autonomia, muitas Igrejas Batistas optam por não perceber quão importante é ser inserida no contexto virtual, ficam aquém, ou não se renovam em sua proposta missional. Em linhas gerais, as Igrejas que optam por este afastamento dos meios digitais não alcançam, na essência, uma proposta relacional comunitária e em seu ministério de missão e serviço para os dias de hoje.

Construídos os apontamentos da inserção dos meios digitais na vida da Igreja, e aproximado este contexto a identidade eclesial batista, adentraremos aos inquietamentos para uma pastoral latente.

Desafios para uma pastoral virtual nos meios batistas

Os batistas consideram os pastores e diáconos como sendo os oficiais da Igreja. Em algumas igrejas os diáconos são ordenados; e em outras, apenas eleitos por um determinado período, sem a imposição de mãos. Não há pastor chefe ou bispo, embora numa igreja onde existam vários pastores, haverá sempre o pastor titular, que dá a visão e a orientação geral para todo o ministério (Martins, 2002, p. 50).

Por esta perspectiva batista, tratar de pastoral, com o enfoque que se propõe nesta pesquisa de uma 'pastoral virtual', fica evidente dois agentes pastorais: em primeiro o pastor batista²; em segundo a igreja, através de uma pastoral comunitária, por sua liderança/diretoria, diaconato, ministérios e serviço leigo. Na construção da missão digital na igreja pela eclesiologia batista para uma pastoral virtual é necessário que haja plena harmonia entre ambos os agentes. A seguir observa-se pontualmente estes agentes.

Todavia, ainda que direcionado a uma pastoral virtual, o título "pastor" é um termo de ternura que designa a tarefa do ministro de apascentar, de pastorear, a qual exige afetividade, renúncia e amor. No Antigo Testamento, "pastor" é alguém que, literalmente, cuida de ovelhas. Em o Novo Testamento, o termo grego correspondente à palavra "pastor" é *poimem*, vocábulo que aparece dezoito vezes, como por exemplo em Efésios 4.11, onde o pastor aparece como alguém que Deus deu a Igreja com um dom (Martins, 2002, p. 54).

Transpondo da realidade presencial para a virtualidade, continua a ser o foco da igreja atingir o padrão de Cristo. Para isso é necessária a participação efetiva de cada um de seus membros (Severa, 2014, p. 312). Ainda usando uma linguagem figurada, diz o apóstolo, referindo-se ao corpo em crescimento sob a orientação de Cristo: "Nele o corpo inteiro, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a correta atuação de cada parte, efetua o seu crescimento para a edificação de si mesmo em amor" (Ef 4.16). Os membros do corpo ajudam uns aos outros no processo para uma pastoral virtual. Para isto devem eles usar os seus dons (Ef 4.16 ; 1 Co 14.12), suas palavras (Ef 4.29), e cuidar uns dos outros (1 Co 12.25,26 ; Gl 6.2 ; 1 Ts 5.14).

No estabelecimento de uma relação de harmonia dos agentes no contexto eclesial batista, é possível observar com clareza os polos dos desafios de uma pastoral virtual. Vejamos.

Alcances

Fundamentar teologicamente o acompanhamento pastoral através de redes sociais que facilitem o diálogo, a cultura do encontro e a participação ativa das pessoas na sociedade em rede, é necessário para um alcance relevante da pastoral virtual. O acompanhamento espiritual virtual não é um tema novo, quando se analisa o contexto bíblico vetero e neotestamentário.

Do ponto de vista cristão, de acordo com o livro Gênesis (Gn 1.26-30 e 2.7, 21-23), o ser humano é uma criatura da palavra de Deus que está inserida na convivência ecológica com outras criaturas nos sistemas da biosfera e da sociedade (Severa, 2014, p. 130). Apesar de ser uma criatura à imagem de Deus, encontra-se sempre em situações que o separam de Deus, num estado de ruptura da solidariedade dos seres, sofrendo as consequências desta realidade (Severa, 2014, p. 152).

² Quando a Igreja decide consagrar uma pessoa ao ministério pastoral é porque já reconheceu as qualidades espirituais, morais, intelectuais, teológicas e evidência de chamada divina da referida pessoa ao desempenho desta tarefa. Quando um pastor é examinado e consagrado, sempre e necessariamente o é através de uma igreja. Todavia, ele não é consagrado para ser pastor exclusivamente daquela igreja. Então são adotados alguns procedimentos para que ele seja reconhecido como pastor batista por toda a denominação (Souza, 2009, p. 11).

Para a fé cristã, a chave para compreender a situação humana é a cruz de Cristo, porque nela Deus partilhou a falta do ser, identificando-se com o sofrimento e a morte das suas criaturas. “A mensagem da cruz de Cristo proclama a vida de Deus que por amor compartilhou a morte como libertação do pecado” (Krause, 2010, p. 77).

Através da cruz, Deus torna viável “um novo ser que espera ser libertado do pecado, do sofrimento e da morte na coexistência do reino de Deus”. A essência do “novo eu” baseia-se em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, sendo externo às criaturas, e pode ser descoberto quando as pessoas reconhecem a sua própria situação e destino na cruz de Cristo. A entrega ao amor incondicional de Deus proporciona uma nova vida que implica a solidariedade das pessoas que acreditam Nele com todas as criaturas.

O desenvolvimento de Pastoral virtual é uma demonstração de uma Igreja, acima de tudo cristã, que testemunha o amor incondicional de Deus pelas suas criaturas, possibilitada pelos meios digitais de relacionamentos. Nesse sentido, a Igreja “é o lugar e o processo em que esta solidariedade é vivida através da “comunhão de solidariedade (koinonia) entre Deus e as suas criaturas” (Krause, 2010, p. 78). Esta virtualidade da Igreja, pode ser percebida já no primeiro século de Cristianismo, quando o Apóstolo Paulo utilizava meios virtuais de acompanhamento às comunidades por meio de cartas e, desta maneira, marcava presença virtual por escrito (Camelo, 2011, p. 3).

Agora, se a maioria das pessoas hoje virtualizou seus relacionamentos interpessoais online, faz-se necessário pensar nas estratégias pastorais da presença contínua da Igreja no mundo virtual.

Limites

O eclodir de uma pastoral virtual requer critérios éticos como balizas, ciente que as fronteiras online para qualificar a vida das pessoas como também para prejudicar são as mesmas. É necessário que se tenha um cuidado especial na divulgação online de mensagens, pois em determinados casos na Internet se lidará “com pessoas sensíveis, que já tenham sido feridas, que têm dificuldades em estabelecer contato face a face e procuraram esta forma de aconselhamento justamente com a intenção de se proteger” (Krause, 2010, p. 81). Nisso, os instrumentos e os métodos da pastoral virtual são neutros. Eles influenciam tanto o pastor(a)/Igreja quanto as pessoas em suas escolhas, seus valores morais, sociais e suas visões de mundo. O sucesso de um serviço da pastoral virtual não está na neutralidade ou na tomada de partido, mas evidencia-se pela percepção e a transparência dos sistemas de valores, e um aspecto relevante da internet é a forma com a qual se lida com as informações, os dados, as mensagens enviadas pelas pessoas. Nisso, atenção especial deve ser dada à prática do aconselhamento online. De acordo com Krause (2010, p. 82) a “preservação do sigilo e do anonimato é fundamental para a confiança e a imagem do serviço de aconselhamento”. Assim, nos meios batistas onde se visa estabelecer uma pastoral virtual pela internet precisam se dispor ao compromisso de oferecer serviços seguros na confiabilidade da relação com as pessoas, de modo a não expô-las a situações de insegurança ou constrangimento.

CONCLUSÕES

Buscamos uma Igreja que não se distancia mais das pessoas que precisam do amor que emana da Cruz, que é de onde encontramos a máxima revelação do amor de Deus em seu filho Jesus. Em uma pastoral virtual, é possível, e necessário, afirmar que Jesus é o supremo pastor (Jo 10.11) e está à frente de todos e de todas as expressões pastorais, e de suas palavras que nos orientam para Ele: “Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a vida pelas ovelhas [...] Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu também as conduza. Elas ouvirão a

minha voz; e haverá um rebanho e um pastor. Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la” (Jo 10. 11, 16-17).

Este estudo está longe de esgotar o tema, e naturalmente não tem essa pretensão. Buscou-se apenas, mostrar, alcances e limites da missão digital na Igreja Batista, reconhecendo os desafios e conflitos em torno da sua eclesiologia, sua prática missionária, sua organização interna e seus contextos socioculturais. Urge compreender como a Igreja e sua missão se realizam numa sociedade cada vez mais digitalizada, apontando caminhos para uma fundamentação teológica do ser e agir eclesial na modalidade virtual.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMELO, E. E. Velásquez. Acompañamiento espiritual virtual: alcances y límites. *Theologica Xaveriana*, [S. l.], v. 71, 2021. DOI: 10.11144/javeriana.tx71.aeval. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/32707b>. Acesso em: 4 jan. 2024.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Nossa História. Disponível em: https://www.convencaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=24 Acesso em: 5 jan. 2024.

GIRALDI, Paulo. Igreja virtual: comunicar para transcender. Macapá, AP: UNIFAP, 2021. p. 110.

GONZÁLEZ, Justo L. Breve Dicionário de Teologia. São Paulo: Hagnos, 2009.

HEWITT, Martin D. Raízes da tradição Batista. São Leopoldo: IEPG, 1993. (Ensaio e monografias 4).

KLUCK, Ted. Pessoas reais de Topeka: em busca de comunhão. In: DEYOUNG, Kevin. Não quero um pastor bacana: e outras razões para não aderir à igreja emergente. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 237-254.

KRAUSE, Renilda. O Aconselhamento Pastoral Virtual: A partir de um estudo da Telefonseelsorge na Internet e da Maranataonline. Orientador: Dr. Lothar Carlos Hoch. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação. Faculdades EST – São Leopoldo, RS, 2010.

KURLBERG, Jonas. Church in a Digital Age: Building Christian community in a tech and media culture. Disponível em: <https://lausanne.org/about/blog/church-in-a-digital-age> Acesso em: 03 mai. 2024.

LEITE, Marcos Texeira. Os Batistas Nacionais: perspectivas históricas e teológicas. Orientador: Wilhelm Wachholz. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação. Faculdades EST – São Leopoldo, RS, 2015.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. Manual do Pastor e da Igreja. Curitiba: A.D. SANTOS EDITORA, 2002.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: UMEESP, 1997.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Liberdade e exclusivismo: ensaios sobre os batistas ingleses. Rio de Janeiro: Horizontal, Recife: STBNB Edições, 1997.

PEREIRA, José R. Breve história dos batistas. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.

REIS, Phelipe. Igrejas e Missionários como “Criativos Digitais”. Disponível em <https://sepal.org.br/igrejas-e-missionarios-como-criativos-digitais/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. Manual de Teologia Sistemática – Revisado e Ampliado. Curitiba, PR: A.D. Santos Editora, 2014.

SILVA, Aline Amaro da. Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede. Orientador: Dr. Érico João Hammes. Dissertação (Mestrado) - Teologia, Escola de Humanidades, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Aline Amaro da. Cybertheology: thinking the effects of digital culture in Christianity and society. Religiöse Bildung in Europa: Exemplarische Einblicke in eine komparative Religionspädagogik, 2019, p. 32-38.

SILVA, Aline Amaro da. Catechesis in the Digital Age: from Transmission to Sharing. Communication Research Trends, v. 38, p. 11-20, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338988899_Catechesis_in_the_Digital_Age_From_Transmission_to_Sharing Acesso em: 4 jan. 2024.

SILVA, Aline Amaro da. Eclesiologias digitais em construção. TEOCOMUNICAÇÃO (ONLINE), v. 51, p. e41629, 2021.

SPADARO, Antônio. Cybertheology Thinking Christianity in the Era of the Internet. New York, NY: Fordham University Press, 2014.

SOUZA, Andréia Durval Gripp. Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital: uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja. Orientador: Abimar Oliveira de Moraes. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação. PUCRIO – Rio de Janeiro, RJ, 2022.

SOUZA, Sócrates Oliveira de. Exame e consagração ao ministério pastoral. Rio de Janeiro: Convicção, 2009.

ZANON, Darlei. Igreja e sociedade em rede: Impactos para uma cibereclesiologia. São Paulo, SP: Paulus, 2019.

WALKER, Williston. História da igreja cristã. 1. ed. São Paulo: Aste, 1967.